



ENTRE HARRYS: DE PROSS A POTTER - A IMPORTÂNCIA DOS SÍMBOLOS NA FRANQUIA HARRY POTTER

Carolina Chamizo Henrique Babo*

Resumo: O presente artigo pretende demonstrar a importância dos mitos, como fundamentais formas de conhecimento para os seres humanos. A partir de uma reflexão entre as antigas e novas histórias de nosso tempo, aqui representada pelos livros e filmes Harry Potter, percebemos que esses símbolos se refletem em nossa cultura, seja em plataformas orais, escritas ou visuais. Para o quadro de referenciais teóricos, me apoio nos estudos de Harry Pross, Joseph Campbell, Mircea Eliade e Carl Gustav Jung, e também nas histórias de J.K. Rowling.

Palavras-chave: Mito. Cultura. Imaginário.

Abstract: This article tries to demonstrate the importance of myths as forms of knowledge. From a reflection between the old and new stories of our time, represented here by the Harry Potter books and films, we realize that these symbols are reflected in our culture, whether on oral, written or visual platforms. Among the authors used to understand these stories as important instruments for the mankind, this study approaches itself on the studies of Harry Pross, Joseph Campbell, Mircea Eliade, and Carl Gustav Jung, and also on the stories of J. K. Rowling.

Keywords: Myth. Culture. Imaginary.

* Faculdade Cásper Líbero,
São Paulo, SP, Brasil.

Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero,
Pesquisadora do grupo “Comunicação, Diálogo e
Compreensão”, desenvolvido pela Faculdade Cásper
Líbero em conjunto com pesquisadores da Universidade
de Antioquia, Medellín, Colômbia.

E-mail: chamizobabocarol@gmail.com



REVISTA
MEMORARE


www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

“Seria dizer pouco que vivemos num mundo de símbolos – um mundo de símbolos vive em nós.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p. 14).

“Os símbolos vivem mais que os homens”¹ disse, certa vez, o teórico da comunicação Harry Pross. E se refletirmos um pouco sobre essa afirmação, veremos que Pross fala diretamente à nossa alma. Sendo os símbolos produtos de nosso inconsciente, eles dialogam com os nossos mitos, nossas lendas, nossos contos de fada, aquelas estruturas do imaginário que flutuam em nosso mais profundo mundo interior. Temas universais que muitas vezes desconhecemos, mas que sentimos tão intensamente que é impossível não reagirmos a eles quando nos são apresentados.

Jesus Cristo (o homem) morreu para salvar a humanidade, mas Jesus Cristo (a divindade, o mito) permanece vivo entre os cristãos. Assim como a cruz em que Ele foi pregado, objeto que se tornou um dos símbolos máximos dessa religião, representando tanto a história da Salvação, como a Paixão do Salvador, tanto o sofrimento de Cristo, quanto sua vitória sobre a morte.

Sabemos, porém, que a representação da cruz é muito mais antiga que o próprio Jesus Cristo, aparecendo em diversas mitologias, como a egípcia e a celta, entre tantas outras, sendo considerada inclusive “o mais totalizante dos símbolos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p.309). Ela representa os quatro pontos cardeais, os quatro elementos. Pode ser interpretada ainda como a Árvore da Vida, refletindo uma ponte entre a Terra e o Céu, entre o humano e o divino. Em seu *Dicionário de Símbolos*, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2005, p. 309) destacam que “Nela se juntam o céu e a terra... Nela se confundem o tempo e o espaço... Ela é o cordão umbilical, jamais cortado, do cosmo ligado ao centro original. De todos os símbolos ela é o mais universal, o mais totalizante”.

Entre os povos do Egito, a cruz é um símbolo de eternidade. Um pouco diferente daquela em que estamos habituados a ver, sua parte superior é ovalada, lembrando uma alça fechada (■). Observada na representação de diversos deuses, ela é essencialmente ligada à Ísis, divindade cultuada como mãe e esposa ideais, protetora da natureza e da

¹ Essa afirmação foi extraída do livro *O Animal que Parou os Relógios*, de Norval Baitello Junior, 1999, p. 104).



magia. Esposa de Osíris, Ísis foi a responsável por encontrar as partes do corpo do marido e auxiliá-lo em sua ressurreição, após o mesmo ser assassinado e esquartejado por Seth.

Já a cruz celta (☩), reproduzida com um círculo no meio das linhas que a compõem, remonta ao equilíbrio da vida, à totalidade. Suas origens, anteriores ao cristianismo, residem no círculo que simboliza o Sol ou ainda a Beli, o deus brilhante. Beli é o consorte da deusa Danu, uma das divindades supremas do panteão celta, reverenciada como senhora do lar e da família. Considerada como a Grande Mãe dessa mitologia, ela liderou os “Tuatha Dé Danān” (“povos da deusa Danu” ou “filhos da deusa Danu”), o povo mágico que habitou a Irlanda e foi o responsável por levar ensinamentos, magia, arte e sabedoria para essa região. Mais tarde, essas divindades ficaram conhecidas como “Bom Povo”, ou, simplesmente, como “fadas”.

Embora a cruz seja cultuada entre distintos povos e em diversos lugares, devemos sempre lembrar que nenhum desses significados ou representações anula ou invalida o outro. Referem-se ou complementam-se para integrar o símbolo, atribuindo a ele ainda mais sentido.

Entretanto, nota-se que foi a tradição cristã quem absorveu com mais intensidade essa temática e apropriou-se dela. Em nossa cultura, essa é a religião que relacionamos frequentemente com a cruz. Afinal, ela decora, como símbolo, as igrejas, os lares e os corpos que a sustentam.

Ainda pensando um pouco além de nossa própria época, encontramos diversos outros símbolos exercendo funções semelhantes. Os povos nórdicos, por exemplo, também adornavam seus corpos com uma série de desenhos, cada um representando ou homenageando determinado deus ou deusa de seu panteão. Nos rituais dedicados à alguma divindade, pintando os corpos para se prepararem para uma batalha ou usando os símbolos em acessórios, os deuses estavam sempre presentes na vida desse povo, estavam sempre em contato com eles. Acerca desse fato, Jung (2012, p.70) nos lembra “que os homens do passado não pensavam nos seus símbolos. Viviam-nos, e eram inconscientemente estimulados pelo seu significado”.

Um dos mais adorados dos deuses, Thor, era simbolizado pela figura de seu martelo, Mjöllnir, recebido como um presente dos anões, após mais uma das confusões de Loki. O Mjöllnir (que, aliás, assemelha-se bastante a outra cruz, o tau **T**), pode ser



observado até hoje, em exposições sobre a cultura nórdica, por meio de joias e objetos de decoração, um reflexo do poder do símbolo para esse povo.

Ligado aos raios e aos trovões, o martelo é ao mesmo tempo criador e destruidor, instrumento de vida e de morte. Essa poderosa arma possibilitava que Thor atacasse seus inimigos e (quase) sempre os vencesse.

Thor morreu no Ragnarok. O mais forte dos deuses foi derrubado pela serpente Jörmungund, um dos filhos de Loki, conhecido como Serpente de Midgard ou Serpente do Mundo. Mas o símbolo de Thor, Mjölfnir, foi recuperado pelos seus filhos, Módi e Magni. Juntos, eles o levaram à Idavoll (como antes era conhecida Asgard, morada dos deuses) para um novo recomeço do mundo. Mesmo com a morte da divindade, seu mito continuou e, como símbolo, permaneceu durante muito tempo como um dos mais importantes representantes daquele panteão.

Muitos anos se passaram desde Thor e, atualmente, quando vemos ou ouvimos os raios, relâmpagos e trovões cortando céu, passamos a acreditar que não há nenhum deus por trás desse fenômeno. A ciência nos mostrou que se trata apenas de uma descarga elétrica de grande intensidade. A era da razão desprezou nossos mitos, desacreditando-os, como tolas narrativas. Não há mais espaço para a voz poderosa do deus ou para a força de seu martelo. E, desde então, pagamos um alto preço, como aponta Jung (2008, p. 120):

À medida que aumenta o conhecimento científico, diminui o grau de humanização do nosso mundo. O homem sente-se isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu a sua “identificação emocional inconsciente” com os fenômenos naturais. E estes, por sua vez, perderam aos poucos as suas implicações simbólicas. O trovão já não é a voz de um deus irado, nem o raio de seu projétil vingador. Nenhum rio abriga mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, serpente alguma encarna a sabedoria e nenhuma caverna é habitada por demônios. Pedras, plantas e animais já não têm vozes para falar ao homem, e ele não se dirige mais a eles na presunção de que possam entendê-lo.

No entanto, como os símbolos vivem dentro de nós e nos revelam, como nos indica Jung (2012, p. 14), “manifestações da essência de nossa própria alma”, eles sempre retornam. Como sonhos, como arte, como produtos da cultura. Reinventam-se em histórias em quadrinhos, em livros, em pinturas, em músicas, em filmes. Basta olharmos com mais atenção e veremos que eles estão lá, atuando em nossas vidas e tentando nos transmitir seus ensinamentos.



O raio de Thor, por exemplo, pode se esconder onde menos se espera. Mais recentemente, ele foi visto na testa de um bruxo adolescente, que resistiu a um feitiço mortal quando ainda era um bebê. Uma criança que se aventurou em um mundo mágico, realizou uma grande jornada, morreu e ressuscitou (como Jesus e Osíris), para se transformar em um herói. Um herói nascido das páginas dos livros direcionados para os jovens, que fez tantas crianças voltarem a ler e aprender, com seu novo/velho mito, valiosas lições, como a importância da amizade, das escolhas e, especialmente, do amor.

Assim, percebemos que, em qualquer cultura ou época em que estão inseridos, “o papel dos símbolos religiosos é dar significação à vida do homem” (JUNG, 2008, p.111). Seja por meio da cruz, do círculo que representa o Sol, do martelo ou do raio. Entre os povos vikings, celtas, egípcios, pagãos ou cristãos. Antigamente ou nos dias atuais. Em mitos orais, escritos ou visuais. Por meio das histórias de Osíris, Beli, Thor, Jesus Cristo ou Harry Potter.

2. O Menino que Sobreviveu

“Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão.” (JUNG, 2008, p. 19).

Considerado como um dos maiores fenômenos literários e cinematográficos dos últimos tempos, a saga de sete livros e oito filmes *Harry Potter* criou uma legião de fãs. Em todo o mundo, crianças, jovens e adultos se identificaram com a história do “menino que sobreviveu”. Um parque foi criado nos Estados Unidos para simular os ambientes da saga, um estúdio foi aberto em Londres, para que o público pudesse ver algumas das locações e os figurinos utilizados pelos atores e, até mesmo, o café/restaurante que a autora frequentava e escrevia a obra, em Edimburgo, se transformou em lugar de culto entre os fãs da saga, que vão até lá e deixam, diariamente, mensagens escritas nas portas e paredes dos banheiros do local. Tamanha identificação e devoção nos faz, novamente, refletir sobre esse mundo simbólico de que fala Harry Pross, em sua famosa frase.

Mas, para entender esse fenômeno, é o próprio Harry Potter quem irá nos ajudar, com uma de suas mais emblemáticas questões:

– Me diga uma última coisa – disse Harry. – Isso é real? Ou esteve acontecendo apenas em minha mente?



Dumbledore lhe deu um grande sorriso, e sua voz pareceu alta e forte aos ouvidos de Harry, embora a névoa clara estivesse baixando e ocultando o seu vulto.

– Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas porque isso significaria que não é real? (ROWLING, 2007, p. 525).

Ora, por que não seria real? Reagimos, nos identificamos com os temas que *Harry Potter* evoca, porque eles são fundamentalmente simbólicos. São motivos relacionados aos nossos mitos, aos nossos contos de fada, ao nosso imaginário. Se lemos as histórias, assistimos aos filmes, viajamos para andar no trem em que foi inspirado o Expresso de Hogwarts² ou para almoçar no restaurante em que essa franquia foi escrita, é porque nos reconhecemos, de alguma forma, nela. É porque essa história nos toca, conversa conosco, de um modo que, talvez, ainda não consigamos entender. Ou, pelo menos, que não entendemos racionalmente.

Os conteúdos de *Harry Potter* dialogam com o que temos de mais valioso dentro de nós: nosso universo simbólico, nossa capacidade de criar narrativas, inventar histórias e exteriorizar sonhos. Estudá-los e compreendê-los, significa estudar e compreender a nossa própria história, nossa jornada, nossa vida.

Esses temas nos remetem às belas e, muitas vezes, sombrias narrativas, contadas pelos seres humanos desde os tempos mais remotos. São símbolos originados no interior, em nossos sonhos, em contato direto com a nossa essência. Jung denomina esse lugar, onde nascem e vivem os mitos, inconsciente coletivo, sendo essa uma camada mais profunda do inconsciente, habitada por conteúdos idênticos e compartilhada por toda a espécie humana.

Povoado por estruturas comuns, os arquétipos, que seriam, nas palavras de Jung (2012, p.13), “tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos”, o inconsciente coletivo exibe a força que carrega em si ao oferecer histórias que tocam diretamente a quem as escuta. Os arquétipos, continua Jung, “criam mitos, religiões e filosofias que influenciam e caracterizam nações e épocas inteiras” (JUNG, 2008, p. 98).

Seus motivos são surpreendentemente semelhantes e repetem-se entre as mais variadas culturas. Por serem narrativas universais, os mitos e contos de fada moldam a

² O Expresso de Hogwarts representa o meio de transporte, o trem, que leva os bruxos para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.



vida de homens e mulheres e refletem nossas alegrias e medos, enquanto nos auxiliam na compreensão de nosso lugar no mundo.

Assim, quando nos oferecem a história de um menino cuja cicatriz na testa remete a um poder criador e destruidor, ou quando nos apresentam uma narrativa, cuja jornada se assemelha a de outros tantos heróis que povoam a história humana, percebemos sua importância, mesmo sem reconhecer, conscientemente, seu simbolismo.

Estamos perante a uma estrutura arquetípica e, diante disso, nos entregamos inteiramente ao fascínio que ela exerce sobre nós. De acordo com Jung, o momento em que encontramos um arquétipo é caracterizado por uma “intensidade emocional peculiar” (JUNG, 2012, p. 82). Trata-se, para o autor, de um momento numinoso, pois, nesse instante, “não somos mais indivíduos, mas uma espécie; pois a voz de toda a humanidade ressoa em nós” (JUNG, 2012, p. 83). Ele continua:

Toda referência ao arquétipo, seja experimentada ou apenas dita, é “perturbadora”, isto é, ela atua, pois ela solta em nós uma voz muito mais poderosa que a nossa. Quem fala através de imagens primordiais, fala como se tivesse mil vozes; comove e subjuga, elevando simultaneamente aquilo que qualifica de único e efêmero na esfera do contínuo devir, eleva o destino pessoal ao destino da humanidade e com isto também solta em nós todas aquelas forças benéficas que desde sempre possibilitaram a humanidade salvar-se de todos os perigos e também sobreviver à mais longa noite. (JUNG, 2012, p. 83).

Se a autora utilizou essas estruturas de maneira intencional, racional, ou se a história veio a ela desde seu inconsciente, como um presente que deveria dar ao mundo, não nos cabe julgar. O que tentamos entender aqui é a importância de nossos símbolos, contos de fada e mitos como formas de ensinamento, como espaço de conhecimento.

Ao entrarmos em contato com essas narrativas, aprendemos determinadas lições que de outra maneira não poderíamos conhecer. E, claro, nos deparamos com um tipo de ensinamento que nos arrebatava, nos prende, já que como poeticamente nos indica Joseph Campbell (2010, p. 31-32):

Nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói. E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro de nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro.



Assim, essas narrativas míticas representam ensinamentos sobre a “sabedoria de vida” (CAMPBELL, 1990, p. 22). Ao seguir a trilha ao lado de um herói, dormir os cem anos da princesa que recebe uma maldição, adentrar na mais densa floresta ou enfrentar o dragão, participamos de importantes aprendizados, ensinados pelo inconsciente, e já realizados por outros seres humanos ao longo de toda a nossa história. Deparamo-nos com perigos jamais imaginados (mas enfrentados diversas vezes) e entendemos, simbolicamente, como superá-los. Joseph Campbell (2010, p.21) afirma que “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar”.

Percebemos, dessa forma, que mesmo afastados de nossos mitos antigos, mas tendo todo o seu potencial dentro de nós, torna-se impossível não ser tocado quando entramos em contato com uma história como essa. Por mais que tentem nos convencer que os deuses não existem ou que eles morreram e que os heróis não passam de histórias de crianças, sabemos que eles ainda permanecem em nossa cultura. Porque eles vivem dentro de nós.

Portanto, respondendo à pergunta de Harry, sim, isso está acontecendo na mente do garoto, em seu mundo interior, em seu inconsciente, habitado por arquétipos, por símbolos, por estruturas arcaicas. E sim, isso é real.

2.1. O Inocente

Quantos de nós não esperamos até hoje pela carta de Hogwarts chegar em nossas casas, dizendo que fomos aceitos para a conceituada Escola de Magia e Bruxaria? Além dela, a lista de materiais, que inclui uma série de livros, ingredientes, um caldeirão, um animal (que pode ser uma coruja, um gato ou um sapo) e, é claro, uma varinha mágica!

Ora, com Harry Potter foi exatamente assim que aconteceu. Ele estava em sua vida comum, sendo maltratado pelos seus tios, quando descobriu que era, na realidade, um bruxo. E não qualquer bruxo. Ele já era famoso nesse novo mundo, pois ainda bebê havia derrotado um poderoso feiticeiro das trevas, Voldemort (ou Você-Sabe-Quem, para aqueles que não ousarem pronunciar o seu nome).



Harry hesita por apenas um instante e, logo depois, embarca em sua aventura, assim como todos nós. Não pensamos, nem cogitamos por um momento que alguém pudesse estar enganando aquele menino. Torcemos para que ele seja realmente um bruxo e para que ele encontre um novo lar.

Aqui, temos a utilização de um arquétipo bastante conhecido e de forte apelo, o do inocente. Esse arquétipo, revelam Carol S. Pearson e Margaret Mark em sua obra *O Herói e o Fora da Lei* (2001) é aquele que promete que a vida não precisa ser dura e que busca a felicidade em uma espécie de Éden, de Paraíso. O Inocente que existe em nós, explicam as autoras, “quer viver naquela terra perfeita, onde somos livres para ser você e eu” (MARK; PEARSON, 2001, p.63). O Inocente que existe em Harry também quer sair de sua vida cotidiana. A partir da esperança que nutre de que tudo possa melhorar, ele encontrará a tão almejada felicidade em Hogwarts, uma espécie de Paraíso.

A identificação do público com esse arquétipo acontecerá na medida em que o inocente for despertado dentro de cada um dos espectadores. Associado ao desejo de bondade e simplicidade e conectado a “símbolos como a Estrela de Belém anunciando o nascimento do Menino Jesus” (MARK; PEARSON, 2001, p.63), essa figura traz a esperança de um mundo melhor. Quando é oferecida, portanto, para Harry, uma alternativa diferente daquele mundo que ele habita, todos torcemos pelo menino. Uma nova vida começará para ele nesse instante, uma vida em que o garoto poderá ser “ele mesmo”.

Ainda de acordo com Mark e Pearson (2001, p.64) “o inocente é extraordinariamente atrativo nesta nossa época frenética e estressante”. Podemos, portanto, refletir que o inocente nos ajuda a acreditar nesse mundo de magia. Vivemos em um tempo em que as grandes narrativas foram desprezadas e há uma parte em nós que precisa voltar a elas. Porque somos seres simbólicos (CASSIRER, 2013). Precisamos de nossos símbolos para encontrar um equilíbrio (JUNG, 2012) entre consciente e inconsciente, entre racional e não-racional. O inocente permite essa volta quando nos faz perceber que um universo diferente do nosso, mas que também é nosso, existe. E que podemos alcançá-lo.

Como a garota Dorothy (de *O Mágico de Oz*), ou Alice (do *País das Maravilhas*), Harry Potter também é transportado para uma terra de magia e fantasia. E todos nós também viajamos com ele. Em Hogwarts, o menino não será desprezado como em seu



mundo comum. Pelo contrário. Ele destaca-se em diversas áreas, executa feitiços que outras crianças de sua idade não conseguem, enfrenta o seu grande inimigo e vence a batalha. Nesse universo, Harry é o herói. E esse universo, nos mostra que também podemos ser heróis. O que nos leva diretamente para outro arquétipo.

2.2. O Herói

Tema mais antigo que a própria descoberta da consciência no homem, o herói simboliza “aquela divina imagem redentora e criadora escondida dentro de todos nós” (CAMPBELL, 2010, p.43). Ele aparece como um salvador da humanidade (ou de sua própria humanidade), passa por diversas provações, enfrenta os mais terríveis perigos e, por fim, tem um retorno transformado.

Os exemplos na mitologia são incontáveis, como os gregos Aquiles, Hércules e Prometeu; o irlandês Cúchulain; o nórdico Sigurd; o egípcio Osíris e o bretão Arthur, além, é claro, de Jesus Cristo e Buda. Nas narrativas de nosso tempo, também podemos enumerar alguns conhecidos representantes, como o bravo cavaleiro jedi Luke Skywalker; o bondoso hobbit Frodo Baggins; Neo, o escolhido da Matrix; e, é claro, o bruxo adolescente Harry Potter, de quem falamos mais detalhadamente no presente texto.

Harry Potter representa o típico herói dos mitos e dos contos de fada, e sua trajetória será a mesma que a de diversos outros que o precederam. A linha central da saga adequa-se ao tema do Monomito, proposto pelo mitólogo Joseph Campbell em sua obra *O Herói de Mil Faces* (2010), e composto, essencialmente, por três estágios: a Partida (onde o herói será apresentado), a Iniciação (lugar em que sua aventura irá acontecer) e o Retorno (simbolizado pela volta transformada do herói).

Para este autor, se procurarmos nas diversas narrativas de todo o mundo, encontraremos sempre a mesma história e o mesmo herói. Os detalhes físicos e culturais podem variar, mas a essência de sua jornada é semelhante. Assim, temos que:

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação – iniciação – retorno, que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito. Um herói, vindo do mundo cotidiano se aventura em uma região de prodígios sobrenaturais; ali ele encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 2010, p. 36).



O herói Harry Potter também cumpre esse papel. Há o tema da *Separação* quando o garoto é apresentado em seu mundo comum, mas percebe não fazer parte dele. Desprezado pelos tios e pelo primo, ele dorme em um pequeno quarto, embaixo de uma escada, e vive na casa dos mesmos como se fosse um empregado.

A partir de então, como indica Campbell, Harry recebe um *chamado à aventura*, quando, ao ler a carta de Hogwarts, é convidado a entrar para a Escola de Magia e Bruxaria. Esse é o momento em que o garoto deverá sair de seu mundo cotidiano, para adentrar em uma região sobrenatural. Ao chegar nessa escola, Harry Potter encontra seu mentor, o bruxo Albus Dumbledore, quem lhe fornece o *auxílio sobrenatural* com seus conselhos e com sua ajuda. O jovem passa pelo *primeiro limiar* ao se deparar com as forças do mal e entra no *ventre da baleia*, quando enfrenta pela primeira vez seu oponente, Voldemort, ainda apenas um espectro habitando o corpo de outro bruxo.

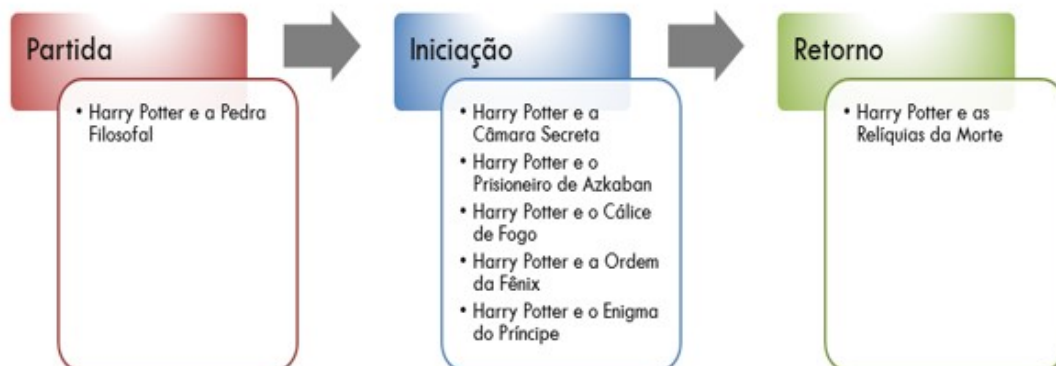
A *Iniciação* acontece quando Harry enfrenta um *caminho de provas*, impostas por seu antagonista, no decorrer dos livros/filmes. Essas provações irão incluir o salvamento de uma amiga, o encontro com seu padrinho, uma importante tarefa em um labirinto, uma aliança com muitos bruxos e uma perda irreparável. Já tendo passado por esses perigos, virá a *apoteose*, quando Harry, que se afasta da escola, retorna para salvar seus colegas, e a *benção última*, simbolizada por uma lágrima que esconde um segredo, e que irá revelar os últimos passos de sua jornada.

Chega, portanto, o momento do *Retorno* do herói. Após passar por uma morte e renascimento, Harry Potter consegue, finalmente, acabar com o bruxo das trevas, mudando o destino de todos a sua volta.

No gráfico a seguir, podemos entender em que momentos esses estágios acontecem na saga de livros Harry Potter.



Gráfico 1 – Jornada do Herói em Harry Potter



2.3. Animais relacionados ao herói

Além de termos o símbolo do herói bastante presente nessa narrativa, existem ainda outros elementos simbólicos importantes que também devemos estudar, se quisermos compreender nossa identificação com a saga. Esses elementos serão caracterizados por uma série de animais que, de alguma maneira, acompanham Harry em sua jornada.

O primeiro deles é a coruja, o animal de estimação do bruxo. Ave da deusa grega Atenas, a coruja simboliza o conhecimento intuitivo, a reflexão. Ela aparece diversas vezes ligada à Lua e à clarividência. A coruja representa também o “avatar da noite, das chuvas e das tempestades” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p.293). Estamos, portanto, diante de um animal ligado a uma força divina, reforçando a importância do símbolo nessa história.

Outro animal que se destaca por seu vínculo com o herói é o leão. Símbolo da casa³ de Harry Potter e seus amigos, a Grifinória, o leão é um símbolo de coragem, de poder, um símbolo solar. Aparecendo em diversas mitologias e religiões, podemos nos recordar que “Krishna é o leão entre os animais; Buda é o leão dos Shakya; Cristo é o leão de Judá” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p.538). Se lembrarmos de outras

³ Ao chegar em Hogwarts, os alunos precisam ser selecionados para uma das quatro “casas” que compõem a escola. São elas: Grifinória (cujo símbolo é um Leão), Corvinal (representada por uma águia), Sonserina (simbolizada por uma serpente) e Lufa-Lufa (personificada por um texugo).



obras que fazem menção aos antigos mitos e contos de fada, vemos em *As Crônicas de Nárnia*, do autor irlandês C. S. Lewis, o leão Aslam como uma alegoria de Jesus Cristo. Outra referência que liga diretamente Harry Potter aos heróis que o precederam.

Símbolo de outra das casas de Hogwarts (a Sonserina), a serpente é mais um dos animais, cuja representação merece ser observada. Comumente ligada ao mal, ao grande deus das trevas, foi por influência de uma serpente que Adão e Eva provaram o fruto proibido e a humanidade foi expulsa do paraíso. Em uma luta com uma enorme serpente, o deus Thor morreu. Relacionada também aos dragões, especialmente na Idade Média, ela é a inimiga de São Jorge ou do herói nórdico Sigurd. A serpente aparece, nesse sentido, como rival do homem, seu oposto, aquilo que precisa ser derrotado.

Portanto, sairá dessa casa os principais antagonistas de Harry Potter: seu colega de classe, Draco Malfoy, seu professor, Severo Snape, e o lorde das trevas, o bruxo Voldemort. Este último, inclusive, é descrito com olhos de serpente e era conhecido por saber falar a língua desses animais. Dom que passou para Harry quando tentou tirar a sua vida e, acidentalmente, prendeu a sua alma à do próprio garoto.

Podemos entender, assim, que a serpente é o obstáculo que precisamos superar para alcançar o nível do sagrado, aquilo que devemos matar dentro de nós mesmos para evoluirmos. E é justamente isso que Harry Potter fará durante sua jornada. Em um primeiro momento, essa morte da serpente é representada quando ele mata o basilisco (segundo livro/filme), usando a famosa espada da Grifinória e salvando, com isso, sua amiga Gina Weasley. Aqui, observamos em Harry um reflexo de São Jorge matando o dragão, ou dos antigos cavaleiros que salvavam as donzelas em perigo, tema recorrente de diversas lendas e contos de fada.

No entanto, o mais emblemático embate entre herói e serpente acontece quando Harry Potter, ao morrer e renascer, destrói a parte de Voldemort (a parte serpente) que existia dentro dele mesmo, se livrando dessa parcela profana, subterrânea de sua alma, e podendo, dessa maneira, completar a sua jornada, retornar transformado e, por fim, vencer seu inimigo (sétimo livro/oitavo filme).

Porém, não podemos esquecer que a serpente “é um dos mais importantes arquétipos da alma humana” (BACHELARD apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2005, p.815) e outra de suas interpretações será abordada nessa história. Existem algumas



mitologias, como a asteca por exemplo, que atribuem a ela um sentido positivo, como um deus que se sacrifica para salvar o mundo.

Esse lado também será revelado em Harry Potter, por meio de um dos personagens que o garoto julgava ser um de seus principais adversários. Figura central da narrativa, o professor Snape será a representação do lado positivo da serpente, aquele que se sacrificará pelo herói e, conseqüentemente, por toda a humanidade.

Por fim, outro símbolo que deve ser considerado nessa interpretação de Harry Potter é o cervo. Aparecendo como seu patrono⁴, esse animal está diretamente ligado à luz, ao Sol, aos renascimentos, à fecundidade. Ele é um símbolo de renovação cíclica. E, aqui, percebemos a importância da escolha desse animal e de sua ligação direta com a cruz que falamos na primeira parte desse texto. Chevalier e Gueerbrant (2005, p.224) afirmam que:

O cervo surgirá como mediador entre o céu e a terra, como o símbolo do nascer do Sol, que se eleva para o seu zênite. Um dia, aparecerá uma cruz entre suas galhadas e ele se tornará a imagem do Cristo, o símbolo do dom místico, da revelação salvífica. Mensageiro do divino, ele pertence, portanto, a essa cadeia de símbolos que veremos muitas vezes estreitamente ligados entre si: a árvore da vida, os chifres, a cruz.

Harry e seu cervo, correspondem, portanto, a Jesus e a cruz, a Osíris e Ísis, a Beli e Danu, a Thor e Mjöllnir. À totalidade, aos renascimentos, ao humano e ao divino. Assim, seja por meio desses símbolos que aqui observamos ou por tantos outros que essa saga ainda traz, podemos perceber como nossos temas arcaicos continuam aparecendo para nós, dialogando com o nosso inconsciente, transmitindo suas mensagens, nessas novas/velhas mitologias.

A cultura mostra-se como um tecido vivo, que mistura seus elementos, recriando novos sentidos. E esses símbolos, como manifestações do inconsciente que são, agarram-se a esses novos sentidos, tecidos pela imaginação humana, e continuam aparecendo, se reinventando para permanecerem ativos em qualquer tipo de plataforma que a humanidade escolher. Seja no corpo que costumávamos pintar em homenagem aos antigos deuses, nas páginas dos livros sagrados que lemos, ou nas telas do cinema de nossa época.

⁴ Um dos mais famosos e complexos encantos defensivos da saga Harry Potter, o feitiço do patrono consiste que o bruxo ou bruxa evoque, por meios de uma lembrança feliz, uma força de energia poderosa, capaz de protegê-los de forças maléficas.



3. Do corpo à imagem. Da imagem ao corpo

Voltemos agora a Harry Pross.

Ao fazermos uma reflexão sobre os mitos e contos de fada, desde seu surgimento até a sua atual aparição em produtos culturais, como a saga *Harry Potter*, podemos perceber que essa era uma tradição passada oralmente aos seres humanos e as histórias eram contadas sem a ajuda de nenhum aparato, senão a própria voz e a imaginação. Enquanto as palavras fluíam, as imagens surgiam na mente e a história tocava e encantava, tanto aquele que narrava quanto aquele que ouvia.

Estamos, portanto, diante daquilo que Harry Pross denomina, em sua *Teoria dos Media*, mídia primária. O corpo e suas linguagens aparecem, assim, como a primeira e mais importante forma de comunicação humana, seu ponto de origem e também o seu destino final. Norval Baitello Junior, na obra *A Era da Iconofagia*, assim explica o conceito de mídia primária, desenvolvido por Harry Pross em *Medienforschung* (Investigação da Mídia),

O corpo é a primeira mídia, vale dizer, o primeiro meio de comunicação do homem. Isto quer dizer também, é o seu primeiro instrumento de vinculação com outros seres humanos. Isto é o que significa mídia primária. O corpo é linguagem e, ao mesmo tempo, produtor de inúmeras linguagens com as quais o ser humano se aproxima de outros seres humanos, se vincula a eles, cultiva o vínculo, mantém relações e parcerias. (BAITELLO, 2005, p. 62).

No entanto, com o advento da escrita e, posteriormente, com a chegada dos livros, essas narrativas encontrariam novas plataformas para serem apreciadas. Assim, a oralidade que marcava os mitos e os contos de fada seria substituída por uma nova forma de “vê-los”. Aqueles dois corpos transformaram-se em apenas um e seu livro.

As histórias, reunidas ou surgidas da imaginação dos artistas responsáveis por compilar ou escrever os contos e mitos povoaram as páginas dos livros. Uma vez inseridas em uma plataforma impressa e sobrevivendo ao tempo de vida de seus criadores elas se eternizaram registradas no papel.

Posteriormente, com o advento do cinema e da televisão, as narrativas novamente sofrem uma mudança em sua forma de serem apreciadas. Compreendida a partir de



produções baseadas em histórias arcaicas, que serão transformadas e recriadas, essa nova forma de contar histórias pode ser facilmente entendida quando pensamos nas produções da atualidade.

Temos em *Harry Potter*, portanto, esse movimento das mídias, do corpo à imagem. A história do bruxo, concebida pela autora J. K. Rowling, começa em seu corpo. Ela nasce em sua mente (consciente e/ou inconsciente). Transferida, posteriormente, para as páginas dos livros, a história é imortalizada e chega a milhões de pessoas em todo o mundo. Devido ao seu sucesso, é levada às telas de cinema, tornando-se imagem e atingindo ainda mais corpos.

No entanto, como símbolo que é, Harry Potter, o herói, permanece vivo, mantendo-se em movimento. E, recentemente, essa história voltou aos corpos, realizando o sentido inverso do que estamos acostumados. A partir de uma continuação, intitulada *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*⁵, o herói volta para as páginas escritas quando se transforma no roteiro de uma peça de teatro. E, finalmente, retorna aos corpos quando é interpretado no palco do Palace Theatre, em Londres.

Marcada, como nossos antigos mitos, pela oralidade, essa história e seus símbolos necessitaram de corpos que a transmitissem e corpos que a acolhessem. E lá estavam novamente os gestos, as expressões, os cheiros, os sentidos, as modulações da voz, características da mídia primária. Dessa forma, como propõe Mircea Eliade (1992, p.17), esses símbolos, esses arquétipos, que há tanto tempo havíamos nos identificado, foram revividos novamente por meio de um ritual. Para o autor:

Não basta conhecer o mito da origem, é preciso recitá-lo; em certo sentido, é uma proclamação e uma demonstração do próprio conhecimento. E não é só: recitando ou celebrando o mito da origem, o indivíduo deixa-se impregnar pela atmosfera sagrada na qual se desenrolam esses eventos miraculosos. O tempo mítico das origens é um tempo “forte” porque foi transfigurado pela presença ativa e criadora dos Entes Sobrenaturais. Ao recitar os mitos reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, consequentemente, “contemporânea”, de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses ou dos Heróis. Numa fórmula sumária, poderíamos dizer que, ao “viver” os mitos, sai-se do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo “sagrado”, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável.

⁵ Lançada em 2016, *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada* é uma peça de teatro de duas partes escrita por Jack Thorne, J.K. Rowling e John Tiffany. Essa história narra a jornada do herói, 19 anos após os eventos descritos no último livro da saga, e aborda a vida de Harry Potter como um homem casado, pai de três filhos e funcionário do Ministério da Magia.



Ao lembrar os contos, ao “reatualizá-los” (ELIADE, 1992), ao recitá-los, também podemos repetir o que essas figuras arquetípicas fizeram “in illo tempore”, no tempo mítico. E não falamos apenas do menino Harry Potter, mas dos símbolos que ele carrega, dos arquétipos que ele reinventa, como vimos, até agora, nesse texto.

No teatro, conseguimos, portanto, entrar em uma atmosfera mítica. Todos estivemos em Hogwarts, vendo as aventuras de nossos heróis. Recitando com eles os feitiços mágicos. Sentindo o frio dos dementadores⁶ invadindo a sala. Ou o calor dos patronos que os enfrentavam. Saímos de nosso tempo profano e fomos levados a um tempo sagrado.

Mas, quando essa experiência ritualística acaba, devemos voltar ao nosso próprio tempo. Um tempo que menospreza as narrativas como formas inferiores de pensamento. Um tempo que despreza os símbolos e a magia que existe em nossa alma. Entretanto, tocados por essas histórias, sabemos que podemos mergulhar novamente nossos corpos no mito, por meio da mídia secundária, com nossos livros, ou da terciária, ao assistirmos aos filmes. Conseguimos, assim, experimentar esses símbolos e sentir os arquétipos que tanto nos ensinam, nos atraem, nos emocionam, nessa dança das mídias, dos meios, dos corpos, estudada por Pross e imortalizada por Potter.

Referências

ARMSTRONG, Karen. **Breve História do Mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BABO, Carolina C. H. **Era Uma Vez... Outra Vez. A Reinvenção dos Contos de Fada**. Curitiba, Appris, 2016.

BAITELLO jr., Norval. **A Era da Iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

_____. **O Animal que Parou os Relógios**. São Paulo: Annablume, 1999.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2010.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005.

⁶ Dementadores são criaturas das trevas que se alimentam da felicidade humana, causando desespero em qualquer um que se aproximar deles. Eles também podem consumir a alma de um indivíduo. A mais eficaz defesa contra os dementadores é o Feitiço do Patrono.



- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GAIMAN, Neil. **Mitologia Nórdica**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.
- _____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- _____. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O Herói e o Fora da Lei**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- _____. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- _____. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Submetido em: 09/06/2017. Aprovado em: 18/07/2017.

